

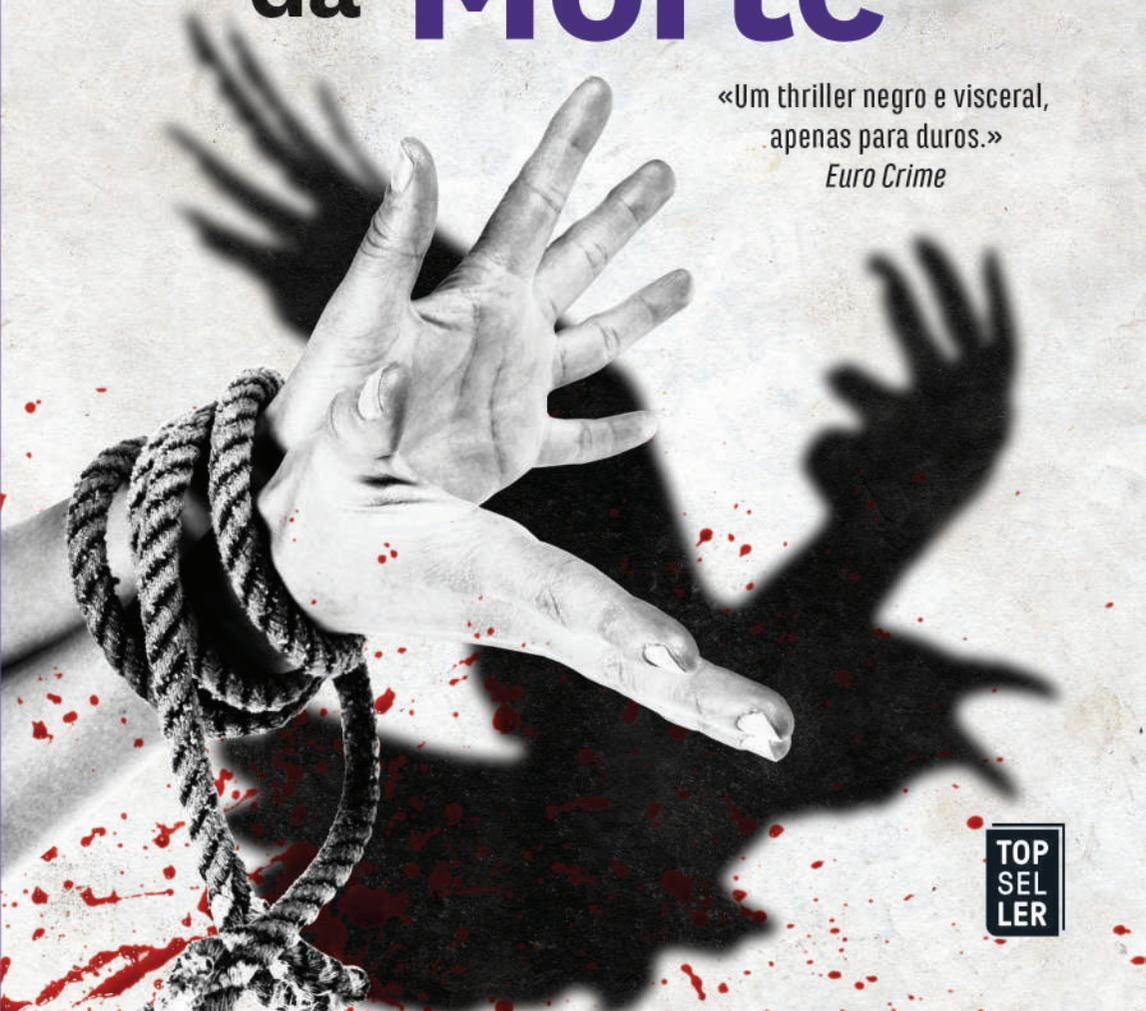
CHRIS CARTER

Autor bestseller internacional

O Escultor da Morte

«Um thriller negro e visceral,
apenas para duros.»

Euro Crime



TOP
SEL
LER

Esta obra é dedicada a todos os leitores que participaram no concurso destinado a criar uma personagem para este livro, em particular à sua vencedora, Alice Beaumont, de Sheffield.

Espero que vos agrade a todos.

UM

— OH, MEU DEUS, ESTOU ATRASADA! — exclamou Melinda Wallis, saltando da cama assim que os seus olhos cansados se fixaram brevemente no relógio digital sobre a mesa de cabeceira. Na noite anterior, tinha ficado acordada até às 3h30 da manhã, a estudar para o exame de Farmacologia Clínica, que seria daí a três dias.

Ainda ligeiramente entorpecida pelo sono, deambulou pelo quarto em passos vacilantes, enquanto o seu cérebro decidia o que fazer primeiro. Dirigiu-se à pressa para a casa de banho, vendo, de relance, a sua imagem no espelho.

— Merda, merda, merda!

Estendeu a mão para a bolsa da maquilhagem e começou a empoar o rosto.

Melinda tinha 23 anos, e, de acordo com um artigo que lera numa revista uns dias antes, estava ligeiramente com peso a mais em relação à sua altura. Media apenas 1,63 metros. Usava o longo cabelo castanho sempre amarrado num rabo de cavalo, mesmo quando ia dormir, e nunca saía de casa sem aplicar uma base no rosto para disfarçar as marcas de acne nas faces. Em vez de lavar os dentes, introduziu à pressa um pouco de dentífrico na boca, só para se livrar do hálito da noite.

De regresso ao quarto, encontrou as suas roupas cuidadosamente dobradas sobre uma cadeira junto à secretária — uma blusa branca, meias, uma saia branca pelo joelho e sapatos rasos igualmente brancos. Vestiu-se em tempo recorde e saiu a correr da pequena casa de hóspedes, dirigindo-se ao edifício principal.

Melinda frequentava o terceiro ano do curso de Ciências de Enfermagem e Cuidados Primários, na Universidade da Califórnia, em Los

Angeles, e aos fins de semana trabalhava como enfermeira particular ao domicílio, para enriquecer a sua experiência profissional. Nos últimos quatro fins de semana, estivera ao serviço do Dr. Derek Nicholson, em Cheviot Hills, na zona oeste de Los Angeles.

Dois semanas antes de Melinda ter sido contratada, havia sido diagnosticado ao Dr. Nicholson um cancro no pulmão em estado avançado. O tumor era já do tamanho de um caroço de ameixa e estava a miná-lo a um ritmo veloz. Era-lhe demasiado penoso andar, e, por vezes, necessitava da ajuda do aparelho respiratório, além de já só ser capaz de falar num tom de voz quase inaudível. Apesar dos pedidos insistentes das filhas, não quisera fazer quimioterapia. Recusava-se a passar os dias fechado num quarto de hospital, escolhendo, ao invés, desfrutar do tempo que lhe restava na sua própria casa.

Melinda abriu a porta da rua, que dava acesso ao espaçoso átrio de entrada, antes de cruzar apressadamente a ampla sala de estar esparsamente mobilada. O quarto do Dr. Nicholson ficava no piso superior. Como sempre, a casa estava lugubrememente tranquila de manhã.

Derek Nicholson vivia sozinho. A sua mulher havia falecido há dois anos, e, embora as filhas o visitassem diariamente, tinham de cuidar também das próprias vidas.

— Desculpe o atraso! — bradou Melinda, do fundo das escadas. Voltou a olhar para o relógio. Estava exatamente 43 minutos atrasada. — Merda! — murmurou entredentes. — Derek, está acordado? — perguntou, elevando a voz, subindo as escadas de dois em dois degraus.

No primeiro fim de semana ali, Derek Nicholson tinha-lhe pedido que o tratasse pelo nome próprio, pois não gostava de formalidades.

Ao abeirar-se da porta do quarto, Melinda foi acolhida por um cheiro penetrante e nauseabundo, vindo do interior, que lhe inundou as narinas.

Ah, maldição!, pensou. Era, obviamente, demasiado tarde para a primeira ida à casa de banho.

— OK, vamos começar por limpá-lo — disse ela, abrindo a porta —, e eu, a seguir, já trato do seu pequeno-alm... — O corpo de Melinda ficou completamente paralisado, os olhos arregalados de pavor, enquanto o ar lhe era sugado dos pulmões, como se a tivessem lançado de súbito para o espaço. Sentiu tudo o que tinha no estômago a disparar em direção à boca, e vomitou ali mesmo, junto à porta.

Deus do Céu! Eram estas as palavras que tencionava proferir ao mover os lábios trémulos, mas não saiu nenhum som. As suas pernas começaram a ceder sob o seu corpo, o mundo a rodopiar, e ela agarrou-se à ombreira da porta com ambas as mãos, para se sustentar. Nesse preciso momento, os seus olhos verdes, aterrorizados, pousaram na parede ao fundo. O seu cérebro precisou de um momento para apreender o que via, mas, assim que se apercebeu, o medo e o pânico brotaram, instintivamente, do seu coração, como uma tempestade.

DOIS

O VERÃO MAL TINHA COMEÇADO na Cidade dos Anjos, e a temperatura já ultrapassava os 30 graus. O inspetor Robert Hunter, da Divisão de Assaltos e Homicídios de Los Angeles, parou o cronómetro do relógio ao chegar ao prédio onde morava, em Huntington Park, a sudeste do centro da cidade. Fizera 11 quilómetros em 38 minutos. *Nada mau!*, pensou, apesar de estar suado como um peru num Dia de Ação de Graças e de as pernas e os joelhos lhe doerem imenso. Talvez devesse ter feito alongamentos. De facto, sabia que devia fazê-los antes e depois do exercício físico, sobretudo a seguir a uma corrida longa, embora nunca se desse a esse trabalho.

Hunter subiu as escadas até ao terceiro andar. Além de ter aversão a elevadores, não era inocentemente que o do seu prédio tinha a alcunha de «ratoeira».

Abriu a porta do seu apartamento de duas assoalhadas e entrou. Embora pequena, a casa era confortável e harmoniosa, embora o mobiliário parecesse provir de uma loja de artigos em segunda mão — um sofá preto em imitação de pele, cadeiras desirmanadas, uma pequena mesa riscada que fazia também de secretária e uma estante velha, que parecia prestes a ceder a qualquer momento sob o peso das prateleiras ajouçadas.

Hunter despiu a t-shirt e utilizou-a para enxugar o suor da testa, do pescoço e do tronco musculado. A respiração já tinha normalizado. Na cozinha, serviu-se de um grande copo de chá gelado, de um jarro que retirou do frigorífico. Preparava-se para desfrutar de um dia calmo, longe do Edifício Administrativo da Polícia, onde funcionava a sede da Divisão de Assaltos e Homicídios. Era pouco frequente Hunter dispor de um dia livre. Talvez desse um salto à Praia de Venice, para um jogo

de voleibol. Não jogava vôlei há anos. Ou, então, tentar apanhar um jogo dos Lakers. Não sabia se eles jogavam nessa noite. Mas, antes de mais, tinha de tomar um duche e passar pela lavandaria.

Hunter acabou de beber o seu chá gelado e dirigiu-se à casa de banho, perscrutando a sua imagem no espelho. Também precisava de fazer a barba. Quando ia pegar na lâmina e no creme de barbear, o telemóvel começou a tocar, no quarto.

Pegou no telemóvel, pousado sobre a mesa de cabeceira, e olhou para o visor; era Carlos Garcia, o seu parceiro. Só então reparou na pequena seta vermelha, no topo do ecrã, a informá-lo de que tinha várias chamadas não atendidas; dez, ao todo.

— Boa! — murmurou, atendendo a chamada. Sabia exatamente o que significava dez chamadas não atendidas e o seu parceiro a telefonar-lhe tão cedo. — Carlos — disse, aproximando o aparelho do ouvido. — O que se passa?

— Céus! Onde é que estiveste? Há meia hora que ando a tentar ligar-te.

Uma chamada a cada três minutos, pensou Hunter. Não era bom sinal.

— Saí para dar uma corrida — explicou ele, calmamente. — Quando voltei, não olhei para o telemóvel. Só agora é que reparei nas chamadas não atendidas. Então, o que aconteceu?

— Uma confusão dos diabos! É melhor vires para aqui rapidamente, Robert. Nunca vi nada assim! — Seguiu-se uma pausa súbita e hesitante. — Acho que nunca ninguém viu nada assim.

TRÊS

MESMO NUMA MANHÃ DE DOMINGO, Hunter precisou de quase uma hora para percorrer os cerca de 25 quilômetros entre Huntington Park e Cheviot Hills.

Ao telefone, Garcia não avançara grandes pormenores, mas o seu manifesto estado de choque e o leve tremor na voz não lhe eram nada habituais.

Hunter e Garcia faziam parte de um pequeno setor especializado da Divisão de Assaltos e Homicídios — a Unidade Especial de Homicídios. A criação desta unidade tivera em vista o tratamento exclusivo de casos de assassinios em série, alta criminalidade e homicídios que exigissem um tempo de investigação e uma especialização exaustivos. A experiência de Hunter em psicologia do comportamento criminal colocava-o num grupo ainda mais exclusivo. Todos os homicídios cujo perpetrador recorresse a uma brutalidade ou sadismo extremos eram designados pelo departamento como «UV» (ultraviolentos). Robert Hunter e Carlos Garcia *constituíam* a unidade UV, pelo que não eram facilmente impressionáveis. Ambos já haviam presenciado coisas talvez únicas no mundo.

Hunter estacionou o carro junto a um dos vários veículos pretos e brancos parados à frente de uma moradia de dois pisos, na zona oeste de Los Angeles. As equipas de reportagem já ali se encontravam, enchendo por completo a pequena rua, como de costume. Era habitual chegarem ao local do crime antes dos inspetores.

Ao sair do seu velho *Buick LeSabre*, Hunter foi atingido por uma onda de ar quente. Olhou em redor, atentamente, enquanto desabotoava o casaco e prendia o distintivo ao cinto. Apesar de a casa se localizar numa rua privada e recôndita de um bairro tranquilo, a multidão de

mirones curiosos, concentrada no exterior do perímetro de segurança policial, já era substancial e aumentava rapidamente.

Hunter deu meia-volta e virou-se para a casa. Era uma bonita moradia de dois andares, com as fachadas em tijolo vermelho, janelas de caixilhos azul-escuros e um telhado de quatro águas. O jardim da frente era grande e estava bem cuidado. À direita da casa, havia uma garagem para dois carros, mas não se via nenhum veículo no caminho de acesso, à exceção de mais carros da polícia. Uma carrinha dos serviços forenses estava parada a escassos metros de distância. Hunter não demorou a localizar Garcia, quando este saiu da casa pela porta da frente. O seu parceiro vestia o clássico fato de proteção descartável branco com capuz. Nos seus 1,89 metros de altura, era cerca de dez centímetros mais alto do que Hunter.

Garcia deteve-se junto aos degraus de pedra que desciam do alpendre e empurrou o capuz para trás. Trazia o cabelo, escuro, liso e ligeiramente comprido, amarrado num rabo de cavalo. Foi igualmente célere a detetar a presença do parceiro.

Ignorando a agitação do batalhão de repórteres, Hunter exibiu rapidamente o distintivo ao agente parado junto ao perímetro de segurança e curvou-se para passar por baixo da fita amarela que delimitava o local do crime.

Numa cidade como Los Angeles, no que dizia respeito a casos de crime e a jornalistas, o grau de excitação dos últimos era diretamente proporcional à monstruosidade e violência dos primeiros. A maior parte dos repórteres conhecia Hunter e estava a par do tipo de casos que lhe eram entregues. Lançaram-lhe perguntas em catadupa.

— As más notícias chegam depressa — observou Garcia, apontando com a cabeça para a multidão quando Hunter se aproximou. — E a perspectiva de uma boa história ainda chega mais depressa — prosseguiu, entregando ao parceiro um fato de proteção descartável novo, dentro de um invólucro de plástico fechado.

— O que é que queres dizer com isso? — Hunter pegou no saco e rasgou-o para o abrir, começando a equipar-se.

— A vítima era um advogado — informou Garcia. — Um tal de Dr. Derek Nicholson, da Procuradoria Distrital do Estado da Califórnia.

— Ah, era só o que nos faltava...

— Mas já não estava no ativo. — Hunter correu o fecho do seu fato. — Tinha-lhe sido diagnosticado um cancro no pulmão — continuou

Garcia. Hunter fitou-o, em expectativa. — Um daqueles casos praticamente sem esperanças. Máscaras de oxigénio, as pernas a não reagirem como deviam... Os médicos deram-lhe seis meses, no máximo. Isso há quatro meses.

— Que idade tinha?

— Tinha 50 anos. Não era segredo para ninguém que estava a morrer. Por que motivo lhe dariam um fim destes?

Hunter fez um compasso de espera.

— E não existem dúvidas de que foi assassinado?

— Ah, dúvida absolutamente nenhuma!

Garcia conduziu Hunter ao interior da casa, acedendo ao átrio de entrada. Junto à porta, via-se um teclado ligado ao sistema de alarme. Hunter olhou para o parceiro.

— O alarme estava desligado — esclareceu Garcia. — Aparentemente, não era habitual ligarem-no. — Hunter fez uma careta. — Eu sei — corroborou Garcia. — Para quê ter um, certo?

Avançaram ambos para o interior.

Na sala de estar, dois técnicos forenses dedicavam-se a espalhar pó nas escadas, junto à parede do fundo.

— Quem encontrou o corpo? — inquiriu Hunter.

— A enfermeira particular da vítima — respondeu Garcia, indicando uma porta na parede leste, que dava acesso a um escritório desafogado. Lá dentro, sentada num sofá *Chesterfield* em pele, de estilo *vintage*, estava uma jovem vestida de branco. Tinha o cabelo apanhado atrás. Os seus olhos estavam completamente vermelhos e congestionados do choro. Sobre os joelhos, repousava uma chávena de café, que ela envolvia nas mãos. O seu olhar parecia perdido e distante. Hunter reparou que ela balançava a parte superior do corpo para a frente e para trás, de uma forma quase impercetível. A rapariga estava nitidamente em estado de choque. Um agente fardado encontrava-se junto dela.

— Já tentaram falar com ela?

— Eu tentei — afirmou Garcia, assentindo com a cabeça. — Consegui arrancar-lhe algumas informações básicas, mas ela está algo bloqueada, como é natural. Talvez possas tentar tu, mais tarde. És melhor do que eu nessas coisas.

— A rapariga estava aqui num domingo? — indagou Hunter.

— Ela só vinha aos fins de semana — esclareceu Garcia. — Chama-se Melinda Wallis e frequenta a UCLA. Está quase a terminar a licenciatura

em Enfermagem e Cuidados Primários. Isto fazia parte da sua experiência laboral. Foi contratada duas semanas após a doença ter sido diagnosticada ao Dr. Nicholson.

— E nos restantes dias de semana?

— O Dr. Nicholson tinha outra enfermeira. — Garcia abriu o fecho do fato para retirar um bloco de notas do bolso. — Amy Dawson — leu. — Ao contrário da Melinda, a Amy já não é estudante. É uma enfermeira profissional. Cuidava do Dr. Nicholson durante a semana. Além disso, as duas filhas dele vinham visitá-lo diariamente.

Hunter fez uma expressão inquisitiva.

— Ainda não foram contactadas — disse Garcia.

— Então, a vítima vivia aqui sozinha?

— Exatamente. A mulher dele faleceu num acidente rodoviário há dois anos. Eram casados há 26 anos. — Garcia voltou a guardar o bloco de notas no bolso. — O corpo está lá em cima — prosseguiu, apontando para as escadas.

Enquanto subia os degraus, Hunter tentou perturbar ao mínimo os dois agentes forenses concentrados no seu trabalho. O patamar do primeiro piso assemelhava-se a uma sala de estar, dotado de duas cadeiras e duas poltronas de pele, uma pequena estante, um escaparate para revistas e um aparador coberto de elegantes molduras com fotografias. Um corredor suavemente iluminado dava acesso a quatro quartos e duas casas de banho. Garcia conduziu Hunter até à última porta à direita e parou, antes de a abrir.

— Sei que já viste muitas cenas sinistras, Robert. E Deus sabe que eu também — começou, apoiando a mão enluvada na maçaneta da porta. — Mas isto... nem num pesadelo. — E abriu a porta.

QUATRO

HUNTER FICOU PARADO JUNTO À PORTA, aberta sobre o grande quarto. Os seus olhos registavam a cena à sua frente, mas o seu cérebro estava a ter dificuldade em apreendê-la.

Encostada ao centro da parede norte, havia uma cama de casal regulável. À direita desta, sobre uma mesa de cabeceira de madeira, estava a pequena botija e a máscara de oxigénio. Uma cadeira de rodas preenchia o espaço aos pés da cama. Havia ainda uma cómoda de aspeto antigo, uma escrivaninha em mogno e uma grande estante na parede em frente à cama, cuja peça principal era uma televisão de ecrã plano.

Hunter expirou, mas não se moveu, não pestanejou, não proferiu uma palavra.

— Por onde começamos? — perguntou Garcia, em voz baixa, ao seu lado.

Havia sangue espalhado por todo o lado — pela cama, chão, tapete, paredes, teto, cortinados e quase todo o mobiliário. O corpo do Dr. Nicholson encontrava-se sobre a cama. Ou, pelo menos, o que remanesca dele. Tinha sido desmembrado. Tanto as pernas como os braços haviam-lhe sido arrancados do corpo. Um dos braços estava dividido em pedaços, grosseiramente esquarterado pelas articulações. Os pés tinham, igualmente, sido decepados das pernas.

Contudo, o que deixava completamente atónitos todos os que entravam naquele quarto era a escultura.

Sobre uma pequena mesa de apoio, junto à janela, as partes esquarteradas e fragmentadas do corpo haviam sido combinadas numa forma sangrenta, retorcida e incompreensível.

— Que loucura! — murmurou Hunter, para si próprio.

— Nem lhe vou perguntar, pois tenho a certeza de que nunca viu algo semelhante, Robert — disse a Dra. Carolyn Hove, do canto mais afastado do quarto. — Nenhum de nós viu.

A Dra. Hove era a médica legista-chefe do Departamento de Medicina Legal do Condado de Los Angeles. De compleição alta e delgada, tinha uns olhos verdes profundos e penetrantes. O cabelo, longo e cor de avelã, estava oculto no interior do capuz do fato de proteção, e os seus lábios grossos e nariz delicado escondiam-se atrás da máscara cirúrgica.

Hunter concentrou a sua atenção na médica por breves segundos, e de seguida nas grandes poças de sangue no chão. Hesitou, por um momento. Era impossível conseguir andar no quarto sem passar por cima delas.

— Não há problema — disse a Dra. Hove, gesticulando a Hunter e Garcia, para os incitar a entrar. — O chão já foi todo fotografado.

Ainda assim, Hunter envidou todos os esforços para contornar o sangue. Aproximou-se da cama e do que restava do corpo do Dr. Nicholson. O rosto da vítima era uma massa de sangue disforme. Os olhos e a boca estavam escancarados, como uma petrificação do seu último grito de terror. Os lençóis, as almofadas e o colchão estavam rasgados e destruídos em vários pontos.

— Ele foi assassinado nessa cama. — A Dra. Hove aproximou-se de Hunter. Ele manteve a sua atenção no corpo. — A avaliar pelos salpicos e pela quantidade de sangue que temos aqui — continuou ela —, o assassino sujeitou a vítima ao máximo de sofrimento que esta conseguia suportar, antes de a deixar morrer.

— O assassino cortou-o primeiro?

A médica confirmou com um aceno de cabeça.

— Dedicou-se primeiro às partes mais pequenas, que não iriam causar a morte.

Hunter franziu o sobrolho.

— Os dedos dos pés foram extirpados, bem como a língua. — O olhar da médica voltou a dirigir-se à escultura abominável, formada por pedaços de um corpo humano. — Eu diria que começou por aí, antes de o ter desmembrado.

— Ele encontrava-se sozinho em casa?

— Sim — confirmou Garcia. — A Melinda, a estudante de enfermagem que viste lá em baixo, passa os fins de semana aqui, mas dorme na casa de hóspedes, por cima da garagem. Segundo ela, as filhas do

Dr. Nicholson vinham cá todos os dias e passavam cerca de duas horas com ele, por vezes um pouco mais. Na noite passada, saíram daqui por volta das 21 horas. Depois de o deixar preparado para dormir e acabar o que tinha a fazer na casa, a Melinda despediu-se do Dr. Nicholson cerca das 23 horas. De seguida, regressou à casa de hóspedes e ficou a estudar para um exame, até às 3h30 da manhã.

Para Hunter, não era difícil compreender por que razão a enfermeira não tinha ouvido nada. A garagem ficava na frente da casa, do lado completamente oposto, e a cerca de 20 metros do edifício principal. O quarto onde eles se encontravam localizava-se exatamente na parte de trás da casa, sendo o último do corredor. As janelas davam para o jardim das traseiras. Poderia decorrer ali uma festa, que ela não daria por isso.

— Não havia nenhum botão de emergência? — inquiriu Hunter.

Garcia apontou para um dos sacos de provas, num canto do quarto. No interior, via-se um fragmento de fio elétrico com um botão na extremidade.

— O fio foi cortado.

Hunter observou os salpicos de sangue que cobriam o colchão, a estrutura da cama e a parede junto desta.

— Chegaram a encontrar a arma?

— Não, ainda não — respondeu Garcia.

— A forma como o sangue parece ter esguichado e os bordos recortados nos golpes que foram infligidos mostram que o assassino recorreu a algum tipo de dispositivo de corte elétrico — indicou a Dra. Hove.

— Como uma motosserra? — alvitrou Garcia.

— Possivelmente.

Hunter abanou a cabeça.

— Uma motosserra teria sido demasiado barulhenta. Demasiado arriscada. A última coisa que o assassino queria seria alertar alguém antes de terminar. Além de que uma motosserra torna-se difícil de manobrar, principalmente quando o que está em causa é a precisão. — Deteve-se um pouco mais a examinar o corpo e a cama, afastando-se a seguir, posicionando-se junto à mesa de apoio e à escultura mórbida.

Ambos os braços do Dr. Nicholson estavam torcidos de um modo estranho, dobrados pelas articulações dos pulsos, desenhando duas formas distintas, ainda que desprovidas de sentido. Os pés haviam sido decepados e aglutinados com os braços e as mãos de uma maneira

peculiar. Tudo aquilo se mantinha estável através de pedaços de arame fino, mas resistente. O arame tinha sido utilizado também para prender alguns dos dedos dos pés decepados às extremidades das duas formas. As pernas estavam pousadas lado a lado, na horizontal, formando a base da escultura. Tudo coberto de sangue.

Hunter rodeou a escultura lentamente, tentando apreender cada pormenor.

— O que quer que isto seja — disse a Dra. Hove —, não se trata de algo que alguém possa edificar nuns minutos apenas. Isto leva o seu tempo.

— E se o assassino dedicou esse tempo a compô-la — acrescentou Garcia, aproximando-se um pouco mais —, tem de significar alguma coisa.

Hunter recuou alguns passos e observou a peça macabra à distância. Não conseguia descortinar-lhe qualquer significado.

— Acha que o laboratório consegue criar uma cópia disto em tamanho real? — perguntou ele à Dra. Hove.

Ela retorceu a boca de uma ponta à outra, debaixo da sua máscara cirúrgica.

— Não vejo porque não. Já fotografámos isto, mas eu peço ao fotógrafo que volte cá e recolha imagens de todos os ângulos. Tenho a certeza de que o laboratório conseguirá fazê-lo.

— Então, vamos avançar com isso — disse Hunter. — Não será agora que iremos decifrar o que aqui está. — Depois, ao virar-se para a parede do fundo, ficou petrificado. A parede estava de tal forma coberta de sangue que aquilo quase lhe passara despercebido. — O que diabo é aquilo?

Garcia olhou para Hunter e de seguida para a parede. Deixou escapar um suspiro profundo.

— Aquilo... é o pior pesadelo que alguém poderia ter.

CINCO

A DRA. HOVE PUXOU A MÁSCARA cirúrgica para baixo e virou-se para Garcia.

— Ele não sabe?

Hunter arqueou o sobrolho.

Garcia abriu o fecho do seu fato de proteção para retirar o bloco de notas mais uma vez.

— Vou pôr-te a par daquilo que já sabemos, mas preciso de te situar na tarde de ontem, para que tenhas uma melhor percepção da situação.

— OK. — Hunter estava intrigado.

Garcia começou a ler.

— A filha mais velha do Dr. Nicholson, Olivia, chegou aqui por volta das 17 horas. A sua irmã mais nova, Allison, apareceu meia hora depois. As duas jantaram com o pai e estiveram a fazer-lhe companhia até às 21 horas, altura em que ambas se foram embora. Depois disso, a Melinda, a enfermeira, ajudou o Dr. Nicholson a ir à casa de banho e a deitar-se, tal como fazia todos os fins de semana. Ele demorou cerca de meia hora a adormecer, e ela nunca saiu de ao pé dele. — Garcia apontou para a cadeira que estava do outro lado da cama. — Esteve sentada ali. Tinha trazido consigo alguns dos seus livros de estudo. — Virou a página do bloco. — A seguir, a Melinda apagou as luzes, retirou a louça da máquina, e, por volta das 23 horas, regressou ao seu quarto na casa de hóspedes.

Hunter assentiu com a cabeça e voltou a focar a sua atenção na parede.

— Estou quase a chegar lá — disse Garcia. — A Melinda recorda-se de ter trancado todas as portas, incluindo a que dá para as traseiras, na cozinha, mas já não tem tanta certeza em relação às janelas. Quando aqui cheguei esta manhã, duas delas estavam destrancadas no piso de baixo,

uma no escritório e outra na cozinha. A Equipa de Primeira Intervenção da Polícia de Los Angeles referiu-me que não havia tocado em nada.

— Nesse caso, é possível que tivessem ficado abertas a noite inteira — deduziu Hunter.

— É o mais provável, de facto.

Hunter olhou de relance para as portas de vidro de correr que davam para a varanda.

— Essas ficaram entreabertas — indicou Garcia. — Parece que este quarto se torna um pouco abafado, principalmente durante o verão. O Dr. Nicholson não gostava de ar condicionado. A varanda dá para o jardim das traseiras e para a piscina. A questão é que toda a parede está coberta de glórias-da-manhã, que, como sabes, são a trepadeira mais vulgar da Califórnia. A treliça de madeira que lhes serve de apoio é suficientemente sólida para alguém poder escalá-la. Não era difícil aceder à varanda a partir do jardim.

— A equipa forense vai analisar o jardim das traseiras e a varanda assim que terminar o interior da casa — referiu a Dra. Hove.

— Por volta da meia-noite — disse Garcia, prosseguindo a leitura do seu bloco de notas —, a Melinda deu por falta de um dos livros de estudo que tinha deixado ficar aqui no quarto. Regressou à casa, abriu a porta da frente e subiu as escadas. — Garcia deduziu quais eram as duas perguntas que Hunter ia fazer a seguir e antecipou as respostas, antes de ele falar. — Sim, a porta da rua estava trancada. Ela recorda-se de ter usado a chave para a abrir. E não, ela não reparou em nada de estranho quando regressou aqui. Nem ouviu qualquer barulho.

Hunter fez um aceno de cabeça.

— A Melinda subiu novamente as escadas — prosseguiu Garcia — e, como não queria perturbar o Dr. Nicholson e sabia que tinha deixado livro precisamente naquela escrivaninha — Garcia apontou para o móvel de mogno encostado à parede —, não chegou a acender as luzes. Limitou-se a entrar no quarto em bicos de pés, a pegar no livro e a sair de novo em silêncio.

O olhar de Hunter voltou a fixar-se na parede sangrenta junto à cama, e o seu coração estremeceu quando o relato de Garcia sobre o que acontecera começou finalmente a fazer sentido.

— Esta manhã, a Melinda acordou depois de o despertador já ter tocado — continuou Garcia. — Levantou-se, arranjou-se o mais depressa possível e veio para aqui a correr. Disse que abriu a porta da frente às

8h43, tendo verificado as horas no seu relógio. — Garcia fechou o bloco de notas e guardou-o de novo no bolso. — Subiu imediatamente as escadas e, ao entrar no quarto, foi recebida não só por aquilo que aqui vês, mas também por aquela mensagem da parte de quem esteve no quarto. — Voltou a apontar para a parede.

Entre todos os salpicos, em grandes letras sangrentas, estava escrito: «FIZESTE BEM EM NÃO ACENDER AS LUZES.»

SEIS

NO QUARTO, INSTALOU-SE UM SILÊNCIO desconfortável. Hunter aproximou-se mais da parede e estudou as palavras e o estilo de letra por um longo momento.

— O que terá o assassino utilizado para escrever isto? Um pano ensoado em sangue? — especulou ele.

— Também penso que sim — disse a Dra. Hove. — Mas o laboratório forense vai dar-nos uma ideia mais precisa dentro de um ou dois dias. — Desviou os olhos da parede e observou novamente a cama. A angústia deixava-lhe a voz trémula. — Isto escapa à nossa compreensão, Robert. Este caso ultrapassa qualquer outro que me tenha passado pelas mãos. O assassino passou horas aqui, primeiro a torturar, e depois a desmembrar a vítima. E, não contente com isso, foi ao ponto de criar aquela coisa. — Apontou para a escultura sangrenta. — E ainda dispôs de tempo para deixar ficar uma mensagem como aquela. — Virou-se para Garcia. — Recorde-me a idade da rapariga, por favor. A estudante de enfermagem.

— Tem 23 anos.

— O Robert, melhor do que ninguém, sabe que ela irá precisar de meses de apoio psicológico, talvez até de anos, para ultrapassar isto, se é que vai consegui-lo. O assassino estava aqui quando ela veio buscar o livro. Se a rapariga tivesse acendido a luz, teríamos aqui dois corpos, e era provável que ela fizesse parte daquela monstruosidade. — Voltou a apontar para a escultura. — Para ela, a carreira de enfermagem está acabada antes de ter começado, além de a sua estabilidade psicológica ter ficado permanentemente abalada. E os pesadelos e noites de insónia ainda nem começaram. Isso pode ser muito destrutivo, como bem sabe por experiência própria.

As insónias de Hunter não eram segredo. Tinha-as desde os 7 anos de idade, logo a seguir à morte da mãe, vítima de um cancro.

Hunter era filho único, numa família de escassos recursos económicos. Viviam em Compton, um bairro desfavorecido na zona sul de Los Angeles. Sem mais ninguém além do pai, enfrentar a morte da mãe fora uma tarefa solitária e difícil. Sentia tanto a sua falta que essa dor assumia até contornos físicos.

A seguir ao funeral, Hunter tinha começado a sentir pavor dos seus sonhos. De cada vez que fechava os olhos, via o rosto da mãe. Via-a a chorar, a contorcer-se de dores, a suplicar que a ajudassem, a desejar a morte. Via o corpo dela, outrora são e escorreito, a ser exaurido da vida, tornando-se tão frágil e debilitado que já nem conseguia sentar-se sozinha. Via um rosto que fora belo em tempos, com o sorriso mais luminoso que já vira, a transformar-se em algo irreconhecível ao longo daqueles meses. Embora continuasse a ser um rosto que ele nunca deixara de amar.

O sono acabara por ser uma prisão de que ele queria fugir a qualquer preço, e a insónia tornou-se a solução lógica encontrada pelo seu corpo para lidar com o medo e os pesadelos sinistros que o atormentavam à noite. Um simples mecanismo de defesa.

Não ocorreu a Hunter algo que pudesse dizer à Dra. Hove.

— Quem seria capaz de fazer uma coisa destas? — A médica abanou a cabeça, horrorizada.

— Alguém que sentisse um ódio enorme dentro de si — respondeu ele calmamente.

Uns gritos estridentes que vinham do andar de baixo captaram a atenção de todos os presentes no quarto. Era uma voz feminina que depressa raiou o histerismo. Hunter olhou para Garcia com um ar apreensivo.

— Deve ser uma das filhas — disse Hunter, dirigindo-se apressadamente para a porta. — Mantenham esta porta fechada.

Saiu do quarto e atravessou rapidamente o corredor até às escadas para o piso inferior. Lá em baixo, junto ao primeiro degrau, encontrava-se uma mulher com pouco mais de 30 anos, imobilizada por dois agentes da polícia. Tinha cabelo louro e ondulado, que trazia solto, dando-lhe pelo meio das costas, e um rosto em forma de coração, olhos verde-claros, maçãs do rosto elevadas e nariz pequeno e arrebitado. A sua expressão espelhava o desespero absoluto. Hunter aproximou-se dela, antes de a mulher conseguir libertar-se dos agentes.

— Está tudo bem — disse ele, levantando a mão direita. — Eu trato do assunto a partir daqui.

Os dois agentes soltaram a mulher.

— O que se passa? Onde está o meu pai? — A voz dela estava enrouquecida pelo medo e pela ansiedade.

— Sou o inspetor Robert Hunter, do Departamento de Polícia de Los Angeles — apresentou-se Hunter, no tom mais calmo que conseguiu simular.

— Não me interessa saber quem o senhor é. Onde está o meu pai? — repetiu a mulher, tentando passar ao lado de Hunter.

Ele deu subtilmente um passo para trás, bloqueando-lhe a passagem. Os olhos de ambos cruzaram-se por breves instantes, e Hunter abanou levemente a cabeça.

— Lamento — disse ele.

A mulher fechou os olhos lacrimejantes e levou a mão à boca.

— Oh, meu Deus! Pai...

Hunter concedeu-lhe algum tempo.

Ela fez uma pausa e olhou fixamente para Hunter, como se um pensamento lhe ocorresse de repente.

— Porque é que está aqui? Porque é que a polícia está aqui? E porque é que isolaram o local com uma fita, como se isto fosse uma cena de crime?

Após o veredito dos médicos sobre a doença de Derek Nicholson quatro meses antes, a família dele tinha, de certa forma, vindo a preparar-se para a sua partida. A morte dele era algo de expetável, e não constituía uma verdadeira surpresa para a filha. O mesmo não se podia dizer de tudo o resto.

— Peço desculpa, mas não retive o seu nome — disse Hunter.

— Olivia, Olivia Nicholson.

Hunter reparara no círculo esbatido de pele mais clara em volta do dedo anelar dela. Olivia seria uma viúva recente ou uma divorciada recente. Nos EUA, as viúvas tinham, geralmente, relutância em desfazer-se da aliança de casamento ou em deixar de usar o apelido do marido. Além disso, ela parecia muito jovem para ter enviuvado, a não ser que tivesse ocorrido alguma tragédia. O palpite de Hunter apontava para o divórcio.

— Talvez possamos falar num local mais recatado, Sra. Nicholson — sugeriu ele, apontando para a sala de estar.

— Podemos falar aqui — replicou ela, desafiante. — O que aconteceu? O que significa tudo isto?

Hunter olhou para os dois agentes parados junto às escadas, que seguiam atentamente a cena. Ambos foram rápidos a apanhar a deusa e a afastar-se em direção à porta de entrada. A atenção de Hunter centrou-se novamente em Olivia.

— Não foi a doença do seu pai que o levou — disse, aguardando que Olivia captasse inteiramente as suas palavras antes de prosseguir. — Ele foi assassinado.

— O quê?! Isso é... isso é ridículo!

— Por favor, vamos sentar-nos noutra local — insistiu Hunter.

Olivia expirou, e os seus olhos encheram-se novamente de lágrimas. Por fim, cedeu, seguindo Hunter para a sala de estar. Ele não queria levá-la para a mesma sala onde estava a jovem enfermeira.

Ela sentou-se numa poltrona castanho-clara junto à janela. Hunter optou pelo sofá à frente dela.

— Quer um copo de água? — ofereceu ele.

— Sim, por favor.

Hunter ficou a aguardar junto à porta, enquanto um agente lhes trazia dois copos de água. Passou um deles a Olivia, que o bebeu até ao fim em grandes goles.

Hunter voltou a sentar-se e, num tom pausado, referiu-lhe que alguém invadira a casa nas primeiras horas da madrugada e entrara no quarto do Dr. Nicholson.

Olivia não conseguia parar de tremer e de chorar, questionando, compreensivelmente, tudo o que ouvia.

— Não sabemos o motivo do assassinio do seu pai, nem a forma como o perpetrador acedeu à casa. De momento, debatemo-nos com inúmeras questões para as quais ainda não temos resposta. Mas vamos fazer tudo o que pudermos para as encontrar.

— Por outras palavras, não fazem a mínima ideia de o que aconteceu aqui — ripostou ela, furiosamente.

Hunter ficou em silêncio.

Olivia levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

— Não compreendo. Quem poderia querer matar o meu pai? Ele tinha um cancro. Ele já... estava a morrer. — Os olhos dela voltaram a encher-se de lágrimas. Hunter manteve-se calado. — Como? — questionou ela. — Hunter fitou-a. — Como é que ele foi assassinado?

— Temos de aguardar pela autópsia forense para identificarmos a causa da morte com precisão.

Olivia franziu a testa.

— Nesse caso, como é que sabem que ele foi assassinado? Ele foi alvejado? Apunhalado? Estrangulado?

— Não.

Ela estava perplexa.

— Então, como é que sabem?

Hunter levantou-se e aproximou-se dela.

— Sabemos.

Os olhos de Olivia voltaram a dirigir-se para as escadas.

— Quero ir ao quarto dele.

Hunter pousou suavemente a mão no ombro dela.

— Por favor, Sra. Nicholson, confie em mim. Ir àquele quarto não vai responder a nenhuma das suas questões. E também não vai mitigar o seu sofrimento.

— Porquê? Eu quero saber o que lhe aconteceu. O que é que não me estão a contar?

Hunter hesitou momentaneamente, mas sabia que Olivia tinha o direito de ser informada.

— O corpo dele foi mutilado.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela, cobrindo precipitadamente a boca com as mãos.

— Sei que estive aqui com a sua irmã ontem à noite. Jantaram com o vosso pai, não foi? — Olivia tremia tão incontrolavelmente que mal conseguiu acenar com a cabeça. — Por favor — prosseguiu Hunter —, deixe que essa seja a última memória que lhe fica do seu pai.

Olivia explodiu em soluços desesperados.

SETE

A MEIO DA TARDE, Hunter e Garcia regressaram ao seu gabinete no quinto andar do Edifício Administrativo da Polícia, na West 1st Street. Era aí a nova sede do Departamento de Polícia de Los Angeles, em substituição das antigas instalações quase sexagenárias do Parker Center.

Após ter sabido da ocorrência, a capitã Barbara Blake interrompera igualmente o seu dia de folga para se deslocar ali, aguardando os dois inspetores com uma bateria de perguntas.

— Aquilo que me disseram é verdade? — perguntou ela, fechando a porta atrás deles. — Alguém desmembrou a vítima?

Hunter assentiu com a cabeça, e Garcia entregou-lhe um conjunto de fotografias.

Barbara Blake assumira há três anos o comando da Divisão de Assaltos e Homicídios. Escolhida expressamente pelo seu antecessor, William Bolter, e sancionada pelo então presidente da câmara de Los Angeles, depressa conquistara a reputação de ser uma capitã prática e com pulso de ferro. Blake era uma mulher intrigante, com o seu ar atraente e sofisticado, de longo cabelo preto e olhos escuros, cuja frieza fazia tremer a maioria das pessoas. Além de não ser facilmente intimidável, não admitia faltas de respeito e enfrentava, sem hesitação, qualquer político ou responsável governamental poderoso, se tal fosse necessário ao cumprimento da sua missão.

A capitã Blake foi passando os olhos pelas fotografias, com a sua expressão preocupada a intensificar-se a cada nova imagem. Ao chegar à última, parou e susteve a respiração.

— Meu Deus, o que é isto?

— Uma... uma espécie qualquer de escultura — respondeu Garcia.

— Feita de... de partes do corpo da vítima?

— Exatamente.

Durante alguns segundos, o silêncio imperou na sala.

— Isto deveria ter algum significado? — perguntou a capitão Blake.

— Sim, tem um significado qualquer — respondeu Hunter. — Só não sabemos ainda qual.

— O que o faz ter tanta certeza?

— Se uma pessoa quer matar alguém, vai ao seu encontro e dá-lhe um tiro. Não arrisca o tempo necessário para fazer uma coisa destas, a não ser que o ato em si encerre algum simbolismo. E, regra geral, quando o perpetrador deixa algo tão significativo, é porque está a tentar comunicar.

— Connosco?

Hunter encolheu os ombros.

— Com alguém. Para o sabermos, vamos ter de descobrir primeiro o que isto significa.

A atenção da capitão Blake focou-se de novo na fotografia.

— Nesse caso, isto não terá sido obra do acaso. O assassino não terá montado isto num impulso de inspiração sádica que lhe surgiu de repente?

Hunter abanou a cabeça.

— É bastante improvável. Eu diria que o assassino sabia exatamente aquilo que ia fazer às partes do corpo do Derek Nicholson antes de o matar. Sabia exatamente quais as partes de que iria necessitar. E sabia, além disso, exatamente como iria ficar sua obra de horror quando a concluisse.

— Fantástico... — A capitão Blake fez uma pausa. — E o que significa isto? — Exibia a fotografia da mensagem sangrenta deixada na parede.

Garcia pô-la a par de toda a história, deixando-a sem palavras, ao contrário do que era característico nela.

— Com que raio é que estamos a lidar, Robert? — acabou ela por perguntar, devolvendo o conjunto de fotografias a Garcia.

— Não lhe sei dizer ao certo, capitão — Hunter debruçou-se sobre a secretária. — O Derek Nicholson foi procurador-adjunto do estado da Califórnia durante 26 anos. Pôs muita gente atrás das grades.

— Parece-lhe que isto possa ter sido uma retaliação? Quem é que ele mandou para a prisão? Lúcifer e o gangue dos Torturadores de Motosserra do Texas?

— Não sei, mas é por aí que temos de começar. — Hunter olhou para Garcia. — Precisamos da lista de toda a gente que o Nicholson

mandou para a cadeia, assassinos, ou potenciais assassinos, violadores, seja quem for. Vamos dar prioridade a todos os que tenham sido libertados, saído em liberdade condicional ou sob caução nos últimos... — refletiu sobre a questão por momentos — 15 anos. E temos de atender também à severidade do crime. Todos os que ele mandou prender por algum tipo de crime sádico ficam à cabeça.

— Vou pôr a equipa de investigação a trabalhar nisso — confirmou Garcia. — Mas é domingo. Não devemos conseguir obter nada antes do final do dia de amanhã.

— Não faz mal. Precisamos igualmente de confrontar todos os nomes que obtivermos com uma lista de familiares mais próximos, membros de gangue, tudo o que for possível; qualquer pessoa que pudesse ser capaz de atacar o Derek Nicholson para vingar outra pessoa. Existe a possibilidade de isto ser uma retaliação indireta. Talvez a pessoa que o Nicholson pôs na cadeia ainda esteja lá... ou, então, morreu na prisão, e foi alguém cá fora que tentou desferrar-se.

Garcia anuiu com um aceno de cabeça.

Hunter pegou na pilha de fotografias e espalhou-as sobre a sua secretária. Observou novamente a escultura.

— Como é que o perpetrador montou isso? — perguntou a capitão, reunindo-se a Hunter junto à secretária dele.

— Utilizou arame para fixar as peças.

— Arame?

— Sim.

Ela curvou-se e voltou a examinar a fotografia. Um calafrio inesperado percorreu o seu corpo.

— E como é que acha que vamos descobrir o que significa? Quanto mais olho para isto, mais bizarro e incompreensível me parece.

— O laboratório forense vai criar uma réplica exata. Podemos contactar um ou dois peritos de arte e ver o que têm a dizer sobre isto.

Em todos os anos passados na força policial, a capitão Blake já havia presenciado as coisas mais inimagináveis no que se referia a assassinos, mas nada que fosse comparável àquilo.

— Já viram ou ouviram falar de uma cena do crime como esta? — inquiriu ela.

— Conheço um caso em que o assassino recorreu ao sangue da vítima como tinta, para pintar uma tela — referiu Garcia —, mas isto parece-me ser algo completamente à parte.

— Eu nunca ouvi falar nem li nada que se assemelhasse a isto — reconheceu Hunter.

— Poderá a vítima ter sido escolhida aleatoriamente? — sugeriu a capitão Blake, dando uma olhadela às notas coligidas por Garcia. — Por outras palavras, aquilo que me parece é que o sadismo do ato e a criação daquela monstruosidade era o que mais interessava ao assassino, e não a própria vítima. Ele pode ter escolhido o Nicholson por este ser um alvo fácil. — Ela virou uma página do bloco de notas de Garcia. — O Derek Nicholson tinha um cancro em fase terminal. Estava debilitado e praticamente acamado. Não possuía quaisquer defesas. Não podia gritar a pedir ajuda, mesmo que o assassino lhe fornecesse um megafone. E estava sozinho em casa.

— Sim, tem razão — concordou Garcia, inclinando a cabeça de um lado para o outro.

— Não me parece que fosse isso — afirmou Hunter, afastando-se da secretária e aproximando-se da janela aberta. — O Derek Nicholson era um alvo fácil, nisso estou de acordo, mas há inúmeros alvos fáceis numa cidade como Los Angeles, desde os marginais e sem-abrigo a toxicodependentes, prostitutas... Se a identidade da vítima fosse indiferente para o assassino, porque se arriscaria ele a invadir a casa de um procurador-adjunto de Los Angeles para passar horas a fazer o que fez? Além disso, a vítima não estava assim *tão* isolada naquela casa. Não se esqueçam de que a enfermeira se encontrava na casa de hóspedes, por cima da garagem. E, como sabemos — bateu com o dedo na fotografia que mostrava a mensagem na parede —, ela cruzou-se com o assassino. Só teve a sorte de não acender as luzes. — Hunter deu meia-volta, virando-se para a sala. — Acredite em mim, capitão. Este assassino queria esta vítima. Queria o Derek Nicholson morto. E queria que ele sofresse antes de morrer.

OITO

EM VEZ DE ESTAR A JOGAR VOLEIBOL na Praia de Venice ou a assistir a um jogo dos Lakers, Hunter passou o resto do dia a analisar cuidadosamente todas as fotografias do local do crime, acompanhado de um pensamento insistente.

O que diabo significava aquela escultura?

Resolveu regressar a casa de Derek Nicholson.

O corpo, em conjunto com a escultura mórbida, já havia sido levado para o Departamento de Medicina Legal. Restava somente uma casa triste e sem vida, repleta de dor, amargura e terror. As últimas horas de vida de Derek Nicholson salpicavam o seu quarto de uma ponta à outra, e uma única sensação ressaltava de tudo aquilo — um sofrimento atemorizante.

Hunter olhou fixamente para a mensagem que o assassino deixara na parede, sentindo um vazio a crescer dentro de si. Não só havia roubado a vida de Derek Nicholson, mas também destruído três outras vidas — a das filhas da vítima e a da jovem enfermeira.

A equipa forense conseguira já obter pelo menos quatro conjuntos de impressões digitais da recolha feita ao interior da casa, mas seria preciso esperar mais um dia ou dois pelos resultados. Também tinham sido recolhidas várias amostras de cabelos e fibras têxteis no quarto de Derek Nicholson. As várias horas dedicadas a investigar o jardim das traseiras e a treliça na parede exterior do seu quarto tinham-se revelado infrutíferas. Não havia sinais de entrada forçada. Nenhuma janela aparecera partida, nenhum trinco fora destruído, nenhuma porta ou fechadura havia sido arrombada, embora Melinda Wallis, a enfermeira dos fins de semana, tivesse dito que tinha trancado a porta das traseiras. Duas das janelas no piso inferior tinham ficado destrancadas

durante a noite, e a porta da varanda do quarto do Dr. Nicholson ficara entreaberta.

Hunter tentara falar com Melinda Wallis, mas Garcia havia acertado no seu diagnóstico. Melinda estava a ir-se abaixo psicologicamente. O seu cérebro esforçava-se para lidar com o choque causado pela descoberta do corpo de Derek Nicholson banhado em sangue, no seu quarto, mas, mais do que isso, a sua mente lutava tenazmente para a proteger da constatação de que estivera apenas a um passo da morte.

Hunter deixou-se ficar na casa durante muito tempo, analisando o quarto e procurando detetar pistas que pudesse ter descurado anteriormente. Não descobriu nada além do que a equipa forense já havia encontrado, mas a barbaridade da cena era extremamente perturbante. Parecia que o assassino tinha feito questão de salpicar de sangue cada ponto daquele espaço.

A mensagem deixada na parede não fizera parte do plano original, sendo antes um ato de última hora, arrogante e provocatório. Toda a cena parecia funcionar como uma montra do ódio e insensibilidade do assassino, o que inquietava Hunter.

Já havia anoitecido quando Hunter regressou ao seu apartamento. Fechou a porta atrás de si e apoiou nela o seu corpo extenuado. O seu olhar percorreu a sala de estar escura e solitária. Perguntou-se se seria boa ideia ficar em casa essa noite.

Hunter vivia sozinho, sem mulher ou namorada. Nunca casara e as suas relações eram de pouca duração. As pressões inerentes ao trabalho e a dedicação que este exigia tornavam-se, invariavelmente, um fardo pesado a carregar. A ausência de uma relação duradoura não o afetava. Nem o facto de viver sozinho. Não obstante, depois de passar a maior parte do dia rodeado pela morte e por paredes manchadas de sangue, a solidão do seu pequeno apartamento era a última coisa de que precisava.

A vida noturna de Los Angeles inclui-se entre as mais animadas e excitantes do mundo, apresentando um leque de escolhas que vai desde os clubes sumptuosos e em voga, eleitos pelas celebridades de primeira linha, a bares temáticos e antros lúgubres e sórdidos do sub-mundo, frequentados pelos marginais. Seja qual for o estado de espírito em que se esteja, Los Angeles oferece um lugar à medida.

Hunter optou por dirigir-se ao Jay's Rock Bar, um bar despretenso a apenas dois quarteirões de sua casa. Era um dos seus destinos

preferidos para beber um copo, dotado de uma seleção de whisky escocês fora de série, uma *jukebox* a abarrotar de música *rock* e empregados animados e cordiais.

Sentou-se ao balcão e pediu uma dose dupla de *GlenDronach*, com dois cubos de gelo. O whisky escocês *single malt* era a sua grande paixão, e, embora Hunter já tivesse cometido alguns excessos uma vez ou outra, sabia apreciar o seu sabor e qualidade, em vez de se deixar simplesmente embriagar com ele.

Deu um gole no seu whisky e deixou a boca absorver por completo o seu travo a avelã e carvalho. O bar estava bastante concorrido, e era um prazer estar entre pessoas que riam e tiravam partido do ambiente, depois do que ele havia presenciado nesse dia.

Um grupo de quatro mulheres ocupava uma mesa próxima, debatendo as piores frases de engate que alguma vez lhes tinham sido dirigidas.

— Uma noite, eu estava num bar em Santa Monica — contou uma delas, loura e de cabelo curto —, e aparece um indivíduo careca à minha frente, a dizer-me — ela fez uma voz de barítono —, «Miúda, eu não sou o Fred Flintstone, mas consigo deixar-te completamente pedrada!»

Dois segundos de silêncio atónito por parte do grupo, seguido de um coro de gargalhadas.

— Essa é simplesmente idiota! — comentou a que parecia ser a mais jovem das quatro. — Mas eu tenho uma ainda melhor. No fim de semana passado, estava eu na Sunset Boulevard, e vem um homem ter comigo, em plena luz do dia, e diz-me: «Querida, tu deves chamar-te Gillette, porque és o melhor para o homem.»

O grupo voltou a rir-se.

— OK, OK — disse uma morena de cabelo comprido. — Essa mereceu ganhar a medalha. Nunca ouvi nada tão mau em toda a minha vida!

Hunter concordou e sorriu para si próprio. Era a primeira vez que sorria nesse dia.

— Mais um? — perguntou Emilio, o empregado de bar portorriquenho, apontando com a cabeça para o copo vazio.

A atenção de Hunter desviou-se das quatro mulheres para se focar em Emilio, e, a seguir, no seu copo. Sentia-se cansado, mas sabia que não ia conseguir adormecer se fosse para casa. De qualquer forma, dormia muito pouco. As suas insónias encarregavam-se disso.

— Claro. Porque não?

Emilio serviu-lhe outra dose dupla, com um cubo de gelo. Hunter observou o cubo a estalar, ao penetrar no líquido levemente acastanhado. Um homem sentado à ponta do balcão, num fato cinzento em mau estado, tossiu no tom cavernoso de um fumador, e os pensamentos de Hunter dirigiram-se de novo para Derek Nicholson e para o caso. Por que motivo se mataria alguém que já estava a morrer com um cancro no pulmão? Alguém que já estava condenado a uma morte tão dolorosa? Um ou talvez dois meses, no máximo, e o cancro teria acabado com ele de qualquer maneira. Porém, o assassino não pôde... não quis permitir que tal acontecesse. Quis ser ele a dar o golpe fatal. A fitar os olhos de Nicholson quando este morresse. A fazer o papel de Deus.

Hunter deu um gole na sua bebida e fechou os olhos. Tinha um mau pressentimento em relação àquele caso. Um pressentimento realmente mau.

NOVE

NUMA CIDADE COMO LOS ANGELES, os crimes violentos não são um fenómeno invulgar. Na realidade, são bastante comuns, pelo que não é de surpreender que os departamentos de medicina legal sejam tão concorridos quanto o serviço de urgências de um hospital. O trabalho vai-se amontoando como a neve, e tudo tem de obedecer a uma programação estabelecida. Mesmo com um pedido de urgência, a Dra. Hove só conseguiu iniciar a autópsia ao corpo de Derek Nicholson um dia depois.

Hunter só dormira quatro horas. De manhã, tinha os olhos irritados e uma dor de cabeça a latejar na base do crânio, característica da privação do sono. A experiência dizia-lhe que não havia nada que ele pudesse fazer ou tomar para a fazer desaparecer. Era uma componente da sua vida há mais de 30 anos.

Estava já de saída, para ir para a sede da polícia, quando a Dra. Hove lhe ligou a dizer que concluíra finalmente a autópsia de Derek Nicholson.

Às 7h30 da manhã, Hunter percorrera já os 11 quilómetros da sua casa ao Departamento de Medicina Legal do Condado de Los Angeles, na North Mission Road, em, exatamente, 17 minutos. Garcia chegara um minuto antes e aguardava-o no parque de estacionamento. Tinha feito a barba, e o cabelo ainda estava húmido do duche, mas os papos sob os olhos contrariavam a aparência revigorada da manhã.

— Devo dizer-te que não aguardo isto com expectativa — confessou ele, indo ao encontro de Hunter quando este saiu do carro.

O seu parceiro lançou-lhe um olhar inquisitivo.

— Alguma vez aguardaste alguma coisa com expectativa ao vir aqui?

Garcia fitou o antigo hospital que dera lugar à morgue. Do ponto de vista arquitetónico, era um edifício magnífico. A fachada era uma

combinação sofisticada de tijolos em terracota com lintéis cinzento-claros. A escadaria de acesso à entrada principal adicionava outro toque de elegância a uma construção que facilmente poderia ser confundida com uma universidade tradicional da Europa. Um belo invólucro para um edifício que abrigava tantas mortes dentro de si.

— Tens toda a razão — reconheceu Garcia.

A Dra. Hove encontrou-se com eles junto à porta de serviço, do lado direito do edifício. Trazia o cabelo sedoso, cor de avelã, preso atrás, num puxo clássico. Não tinha maquilhagem, e a vermelhidão dos seus olhos indicava que também não tinha tido uma boa noite de sono.

Os três cumprimentaram-se com simples acenos de cabeça. Hunter e Garcia seguiram-na através de um longo corredor bem iluminado. Àquela hora da manhã, o sítio encontrava-se deserto, o que, a juntar às paredes de um branco assético e ao soalho de vinil imaculadamente limpo, tornava aquele ambiente ainda mais sinistro.

Ao fundo do corredor, seguiram por umas escadas que os levavam até à cave e a um corredor de menor dimensão, com uma iluminação mais esbatida.

— Utilizei a nossa sala de autópsias especial — informou a médica, parando junto à última porta, do lado direito.

Regra geral, a Sala de Autópsias Especial 1 era utilizada para exames necrópsicos de cadáveres que, por algum motivo, constituíssem algum tipo de ameaça pública, como uma infeção com doenças virais altamente contagiosas, exposição a materiais e/ou locais radioativos ou contaminação por agentes de guerra química, entre outros. A sala encontrava-se apetrechada com um sistema de base de dados autónomo e câmaras de refrigeração próprias. A sua porta maciça estava protegida por uma fechadura eletrónica com um código de seis dígitos. Por vezes, estas instalações eram também utilizadas durante as investigações de assassinios de grande notoriedade, uma medida de segurança para impedir com mais eficácia a fuga de informação sensível para a imprensa ou outros recetores indesejados. Hunter já tinha ali estado muitas vezes.

A Dra. Hove digitou o código no teclado metálico fixo na parede e ouviu-se um zumbido, enquanto a porta pesada se abria.

Acederam ao interior de uma sala espaçosa e gelada. A iluminação provinha de duas fileiras de lâmpadas fluorescentes que cruzavam o teto de um lado ao outro. Duas mesas em aço inoxidável, uma fixa e

outra com rodas, dominavam a zona central do espaço. Um carro de transporte e elevação hidráulica azul encontrava-se ao lado de uma série de câmaras frigoríficas com portas espelhadas, pequenas e quadradas. Ambas as marquesas estavam cobertas por lençóis brancos.

A Dra. Hove calçou um novo par de luvas de látex e aproximou-se da que estava mais distante da porta.

— Muito bem, deixem-me mostrar-lhes o que descobri.

Garcia oscilava o peso do corpo de um pé para o outro, em expectativa. Hunter pegou numa máscara cirúrgica. Não que tivesse receio de ser contaminado, mas odiava o cheiro peculiar que emanava das salas de autópsia, como se algo podre tivesse sido lavado e esfregado até à exaustão com um desinfetante poderoso. Um cheiro bafiento que parecia acenar do além-túmulo, a perturbar os que ainda se encontravam vivos.

— A causa de morte oficial foi insuficiência cardíaca — começou a Dra. Hove, desviando o lençol branco e deixando à vista o torso desmembrado de Derek Nicholson —, induzida pela perda de sangue e, provavelmente, pela dor absoluta. Mas ele aguentou-se durante algum tempo.

— Como assim? — inquiriu Garcia.

— As lesões na pele e nos músculos indicam que perdeu os dedos das mãos e dos pés, a língua e um dos braços, pelo menos, antes de o coração parar de bater.

Garcia respirou fundo e tentou eliminar o arrepio desconfortável que se instalara na sua nuca.

— Estávamos certos em relação à utilização de um instrumento semelhante a uma serra nas amputações — continuou a médica. — Tratou-se, indubitavelmente, de algo bastante afiado e dotado de uma borda serrilhada. No entanto, os dentes da lâmina não eram tão finos quanto se poderia esperar, e a distância entre eles é certamente maior do que o habitual, quando comparada com os instrumentos usados geralmente em amputações clínicas.

— Seria uma serra de carpinteiro manual? — alvitrou Garcia.

— Não me parece. — A médica abanou a cabeça. — A consistência dos cortes é demasiado uniforme. Há vestígios de golpes, mas sobretudo quando o instrumento cortante atingia o osso, o que não é de admirar, principalmente porque me parece que a vítima não foi sujeita a nenhum tipo de sedação. A análise toxicológica irá detetar quaisquer

vestígios de drogas no sangue da vítima, mas isso ainda vai demorar um dia, ou talvez dois. No entanto, sem anestesia, a dor deve ter sido insuportável. Mesmo que a vítima estivesse fortemente maniatada, iria gritar e contorcer-se incessantemente, dificultando bastante o trabalho de amputação.

Garcia inspirou uma lufada de ar frio através dos dentes cerrados.

— Mas o perpetrador não devia estar preocupado em manter a vítima com vida. Poderia simplesmente ter-lhe cortado os braços e as pernas de qualquer maneira — disse ele.

— Mas não o fez — contrapôs Hunter.

— Não, não fez — concordou a Dra. Hove. — O assassino queria adiar a morte da vítima o máximo de tempo possível. Queria o sofrimento. Os cortes foram executados de uma forma correta e adequada.

— Conhecimentos médicos? — sugeriu Hunter.

— Apesar de qualquer pessoa poder passar algumas horas na Internet, nos dias de hoje, e obter instruções e diagramas detalhados sobre como realizar uma amputação, eu diria que o assassino dispõe de conhecimentos básicos sobre procedimentos médicos e anatomia, pelo menos. — O olhar da médica dirigiu-se à segunda mesa de autópsias. — Ele sabia o que fazia, sem dúvida alguma. Reparem nisto.

DEZ

ALGO NA ATITUDE E NO TOM DE VOZ da Dra. Hove deixou os inspetores em estado de alerta. Acompanharam-na até junto da segunda marquesa.

— Estou absolutamente certa de que tudo o que aconteceu naquele quarto foi planeado, e muito bem planeado. — Ela levantou o lençol branco. A escultura macabra que o assassino deixara ficar tinha sido desmantelada. Nesse momento, as partes decepadas do corpo de Derek Nicholson estavam cuidadosamente alinhadas sobre a superfície metálica e fria da mesa de autópsias. Cada uma delas havia sido lavada, estando já livre do sangue empastado que a cobria. — Não se preocupe — disse a médica a Hunter, ao vê-lo com uma expressão apreensiva. — O laboratório obteve as fotografias e medidas suficientes para criar a réplica que pretende. Estará pronta dentro de um ou dois dias.

— Descobriu algum dado novo em relação à escultura, doutora? — inquiriu Garcia.

— Absolutamente nenhum. E fui eu própria que a desmontei. — Ela pigarreou, a clarear a garganta. — Analisei o espaço entre as unhas e a pele. Não encontrei cabelos ou pele. Apenas a sujidade normal e excrementos.

— Excrementos? — Garcia fez uma careta.

— Dele próprio — indicou a Dra. Hove. — Ao enfrentar uma dor excruciante, como a que resulta de uma amputação sem anestesia, perde-se seguramente o controlo da bexiga e dos intestinos. E é isso que é estranho.

— O quê? — inquiriu Garcia.

— Ele estava limpo — disse Hunter. — Quando chegámos ao local do crime, o lençol da cama devia estar impregnado de urina e fezes, e não estava.

— Devido à doença e à incapacidade da vítima para se mover, ir à casa de banho já deixara de fazer parte dos seus hábitos — esclareceu a médica, voltando a assumir a palavra. — As enfermeiras ajudavam-no nesse aspeto, mas, na ausência delas, ele usava fraldas geriátricas.

— Sim, nós vimos a embalagem numa das gavetas — confirmou Garcia.

— Os técnicos forenses encontraram umas fraldas já usadas num saco de plástico dentro de um balde do lixo, no piso de baixo.

Garcia arregalou os olhos.

— O assassino esteve a limpá-lo?

— Não só esteve a limpá-lo, como alguém colocou a fralda suja no lixo.

Durante segundos, ninguém proferiu uma palavra, pelo que a Dra. Hove prosseguiu.

— O elemento que me faz acreditar que o assassino tinha algumas noções sobre procedimentos médicos é este que descobri aqui. — Apontou para a parte superior de um dos braços decepados, precisamente no ponto onde o golpe tinha sido feito. — Só reparei nisto depois de lavar os braços e as pernas, para remover o sangue.

Hunter e Garcia aproximaram-se um pouco mais. Sobre a pele de aspeto gomoso, distinguia-se um leve traço feito com um marcador preto. Descrescia um círculo incompleto em redor do braço, exatamente no ponto do corte.

— Em procedimentos médicos complicados, como as amputações, em que o ponto de incisão tem de ser muito preciso, é frequente marcar-se a localização exata a caneta.

— Mas também podia ter sido feito por alguém que tivesse encontrado a informação num livro, ou na Internet, como a doutora referiu — contrapôs Garcia.

— Isso também é verdade — concordou a Dra. Hove —, mas, então, reparem nisto. — Ela regressou à primeira marquesa, e ao torso de Derek Nicholson. Hunter e Garcia acompanharam-na. — Durante uma amputação, é vital que a maior parte dos vasos sanguíneos principais, como a artéria braquial nos braços e a artéria femoral nas pernas, sejam devidamente laqueados, caso contrário, o paciente sofreria rapidamente uma hemorragia fatal.

— Não estavam laqueadas — afirmou Hunter, inclinando-se para observar mais detalhadamente. — Eu verifiquei isso no local do crime. Não havia suturas ou nós.

— Porque o assassino não recorreu a uma linha para deter o fluxo de sangue, como faria a maior parte dos médicos. A artéria braquial do braço direito estava pinçada. As marcas conseguem ver-se ao microscópio. Ele utilizou um fórceps.

Hunter endireitou-se.

— Apenas no braço direito?

A Dra. Hove ajustou a sua touca cirúrgica.

— Exatamente. E, provavelmente, isso deve-se ao facto de o coração da vítima ter sucumbido antes de o assassino conseguir amputar mais alguma coisa. O assassino prolongou a vida e o sofrimento da vítima o máximo de tempo que conseguiu, Robert. Contudo, para o fazer sem uma equipa cirúrgica a apoiá-lo, teve de executar os cortes tão rápida e eficientemente quanto possível, tentando conter a hemorragia — concluiu a Dra. Hove.

— E descarta realmente a hipótese de ele ter recorrido a uma serra profissional como as que se utilizam aqui na morgue? — insistiu Garcia.

— Sim — respondeu a médica, pegando na serra de autópsia *Mopec* que estava na bancada atrás de si. — As serras de autópsia manuais dispõem de lâminas pequenas e circulares, com dentes extremamente finos — referiu ela, mostrando-lhes o instrumento. — Quanto mais finos são os dentes da lâmina, mais preciso é o corte, e mais fácil se torna atravessar superfícies duras como os ossos e os músculos em plena rigidez cadavérica.

Ambos os inspetores procederam a um exame rápido da serra e da respetiva lâmina.

— No entanto, uma lâmina de autópsia não é suficientemente larga. É necessário dispor de uma que ultrapasse a largura da parte do corpo que vai ser amputada. Por outro lado, as serras circulares deixam uma marca de corte bastante distinta, mais regular do que a maioria.

— E não é isso o que temos aqui — conjeturou Hunter.

— Não. Aqui, temos um padrão de fricção. Duas lâminas muito cortantes, a moverem-se em paralelo para diante e para trás, em direções opostas, para criarem o movimento de serragem.

Hunter devolveu a serra de autópsia à médica.

— Está a referir-se... a algo semelhante a uma faca elétrica doméstica?

— Não pode ser! — observou Garcia.

— É precisamente isso que penso que o assassino usou — afirmou a Dra. Hove. — Uma faca elétrica doméstica, grande e potente.

— Teria capacidade para cortar osso? — perguntou Garcia.

— As mais potentes conseguem cortar um naco de carne de vaca congelado — afirmou a médica —, sobretudo se as lâminas forem totalmente novas.

— A vítima teria uma em casa? — especulou Garcia.

— Se foi isso que o assassino usou — disse Hunter —, a faca não veio da cozinha da vítima. O assassino trazia-a consigo.

— Porque é que dizes isso?

— Porque se o assassino não viesse munido de um instrumento para as amputações, isso significaria que estas haviam sido fruto do acaso e que ele tinha vindo impreparado.

— E impreparado era algo que este assassino não estava, de certeza absoluta — declarou a Dra. Hove. — O que me lembra de outra coisa. O assassino não utilizou apenas arame para manter as peças da escultura unidas; ele recorreu ainda a um fixador super-rápido, tipo supercola.

— Supercola?! — repetiu Garcia, quase soltando um riso abafado. A médica acenou com a cabeça.

— Na verdade, a supercola é perfeita para o trabalho. Tem uma utilização fácil, seca em segundos, adere facilmente à pele e cria pontos de junção extremamente firmes. Mas aquilo que mais me impressiona é o facto de este assassinio parecer completamente inútil.

— Não são todos? — replicou Hunter.

— Sim, é verdade, mas o que eu queria dizer é que pouco houve a ganhar com esta morte — respondeu ela, dirigindo-se para um quadro na parede oeste, onde estavam indicados os pesos do cérebro, coração, pulmões, fígado, rins e baço da vítima. Na bancada próxima, estava um saco de plástico contendo vários dos órgãos. Pegou nele. — O cancro já lhe tinha destruído praticamente os pulmões. As probabilidades de ele sobreviver resumiam-se a uma semana, ou talvez duas. E este género de lesão pulmonar implica dor, muita dor. Ele já estava a morrer e a passar por um sofrimento inimaginável. Porquê, então, acabar com ele desta maneira?

Ninguém disse nada.

Ninguém soube o que dizer.

ATÉ A OBRA ESTAR COMPLETA, A MORTE VAI TER DE ESPERAR.

Quando a enfermeira Melinda Wallis entra no quarto de um paciente a seu cuidado, mal pode imaginar aquilo que vai encontrar. Derek Nicholson, um importante advogado de Los Angeles, foi brutalmente assassinado. O homicida mutilou os seus membros e construiu com eles uma escultura.

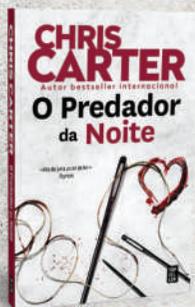
Chamado de emergência ao local do crime, o inspetor Robert Hunter não percebe as motivações por detrás de um crime tão hediondo. Especialmente porque Nicholson, que sofria de cancro em fase terminal, já não tinha muitas semanas de vida.

Quando um segundo corpo aparece num barco ancorado na marina de Los Angeles, o mistério adensa-se. Trata-se, agora, de um agente da polícia. E o macabro da cena repete-se, com o corpo decepado a criar uma escultura estranha.

Qual será a ligação entre as duas vítimas? Que significado terá a disposição dos seus corpos? O que estará o assassino a querer dizer?

Um thriller vibrante e misterioso, com surpresas e revelações inesperadas ao virar de cada página.

DO MESMO AUTOR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-57-9



9 789898 869579

Ficção/Policial